

Palavras na Investidura como Reitor da

Universidade Europeia

Lisboa, 4 de Abril de 2018

1. Uma cerimónia académica é sempre um motivo de festa numa universidade, uma ocasião para encontros e reencontros: com antigos e novos colegas, com antigos e actuais estudantes, com dirigentes e colaboradores da universidade, antigos ou em exercício.

É também um momento de prestação de contas, sublinhado pela presença de relevantes membros da comunidade internacional, estadual e social: a universidade está ao serviço da sociedade e a ela tem a obrigação de prestar contas.

Uma universidade é acima de tudo uma associação de professores e de estudantes. Foi esse o espírito das primeiras universidades, remotamente no século XII e que se mantém até hoje. Uma congregação de escolares, professores e estudantes, juntos por um objectivo comum, partilhar e fazer avançar o conhecimento, a ciência e a cultura.

Também falamos da universidade como um local, mesmo quando os espaços onde se estuda mudam. De uma cultura, mesmo quando os nomes dessa instituição se alteram. De uma ética específica, porque não existe produção de conhecimento sem reflexão e actuação de acordo com valores.

Uma universidade é um espaço para se conversar, sobre a ciência, sobre a cultura, sobre a sociedade. Num tempo cada vez mais fascinado pelo admirável mundo novo trazido pela Internet, a universidade continua com uma missão única, tão frequentemente ignorada, de ser um espaço de diálogo, de conversa, uma matriz de vida exemplar, para recordar uma intuição de Humboldt, porque não pode existir civilização onde não existe diálogo - entre professores, estudantes, professores e estudantes, e entre gerações e culturas.

Hoje e cada vez mais, um diálogo internacional, porque são multinacionais e multiculturais as nossas universidades e tal é uma promessa de cumprimento da profecia kantiana: a de que não existirá guerra entre povos instruídos nem entre pessoas amigas.

Uma cerimónia académica é um motivo de festa também por este motivo. Professores, estudantes, colaboradores, amigos, convidados, podemos conversar sobre a nossa Universidade. A nossa Universidade Europeia.

Faz parte do protocolo homenagear antigos professores e dirigentes, aqueles que contribuíram para o prestígio da instituição e que justificam a inscrição dos actuais estudantes.

Também homenagear os antigos estudantes, especialmente aqueles que continuam ligados à universidade, comparecendo nos seus eventos e matriculando os seus filhos e familiares.

Lembrar todos os colaboradores, porque a sua dedicação torna possível ensinar e aprender na universidade.

Faço agora esse reconhecimento com entusiasmo: a Universidade Europeia é o fruto de duas prestigiadas escolas e academias de Lisboa, a mais antiga instituição privada de ensino superior, o ISLA, e a mais prestigiada instituição de ensino do design, marketing e publicidade do país, o IADE.

Sendo a mais nova das universidades portuguesas, é, paradoxalmente, a mais antiga universidade privada, por estas raízes históricas.

Bem hajam professores, estudantes e colaboradores, convidados e amigos por estarem connosco neste momento.

2. Mas um Reitor fala sobretudo para os actuais professores e estudantes, também já pensando nos seus sucessores.

A Universidade tem de estar à frente do seu tempo, escreveu Ortega y Gasset. Este pensamento é também um oráculo: cada geração de dirigentes tem que ter a cabeça no futuro e apresentar planos, especialmente aqueles que nos habituámos a chamar de estratégicos.

Como num campo de batalha, delineamos estratégias para um futuro que é sempre incerto.

Como fazê-lo hoje, num presente marcado pelo risco (Beck), pela sociedade líquida (Bauman), pela era do vazio (Lipovetsky), pela sociedade invisível (Innerarity), pela sociedade do conhecimento?

Quem tem a responsabilidade por instituições de ensino não pode deixar de se inquietar com muitos diagnósticos

apresentados publicamente por cientistas de diversas epistemologias.

Pois não se ouve dizer que metade dos empregos actualmente existentes vai desaparecer? Mas que também vão aparecer muitos novos empregos que ainda desconhecemos?

Também ouvimos profetizar que os computadores e a inteligência artificial vão substituir a sala de aula, que o professor será substituído pela formação digital, permanentemente disponível a qualquer hora e em qualquer lugar.

Para utilizar expressões de uso corrente, sempre se dirá que são meras previsões, que certamente serão revistas mais tarde – face aos acontecimentos – em alta ou em baixa.

Talvez o futuro nem venha a acontecer e continuemos presos no presente.

No nosso caso, o presente da Universidade Europeia é confortável, como principal instituição no ensino do design, do marketing e da publicidade, dos jogos, do turismo e da gestão hoteleira, com uma posição marcante nas áreas científicas da gestão e dos recursos humanos, e com crescente afirmação no direito e no desporto.

Partindo deste reconhecimento, o primeiro objectivo estratégico é fácil de formular: ensinar e investigar sempre com mais qualidade e de modo mais inovador.

3. Como vemos então o futuro da Universidade Europeia?

Uma Universidade não é apenas uma associação, é também um espírito, uma forma de estar e de pensar. No caso da Universidade Europeia, a integração de duas instituições com largo historial, o ISLA e o IADE, ainda tem que passar pela construção de um novo espírito comum, capaz de conciliar o melhor da cultura académica de cada uma destas escolas num projecto de futuro.

Esta será tarefa do Reitor e da sua equipa: construir uma identidade e espírito académico comuns aos professores e estudantes da Universidade Europeia, não apenas assente no seu passado, mas tomando em conta as potencialidades que o presente já permite e o futuro anuncia, com a integração numa rede de universidades verdadeiramente global.

A autonomia da Universidade Europeia em nada fica prejudicada neste processo. Num momento histórico tão complexo e contraditório como aquele que as sociedades

vivem, a abertura ao exterior constitui uma enorme mais valia a explorar, para benefício dos nossos professores e estudantes.

A crescente interdependência entre os Estados e as sociedades constitui uma oportunidade para os estudantes de hoje, sem colocar em causa a diversidade da identidade dos Estados e das suas culturas. Por isso, promover oportunas sinergias entre as universidades de diferentes países ao nível do ensino e também da investigação científica tem que constituir uma prioridade na organização e no funcionamento da Universidade Europeia. Quer ao nível dos programas Erasmus, quer ao nível dos programas Garcilaso, específicos da rede Laureate, o objectivo de criar profissionais globais deve ser uma pista a trilhar resolutamente.

Três objectivos fundamentais podem ser anunciados neste plano. Continuar a aposta em cursos em língua inglesa e na proficiência dos estudantes em línguas e noutras competências necessárias para estarem preparados para o mundo global e exigente do futuro e para as profissões que ele vai trazer. Crescimento para novas áreas científicas e disciplinares, especialmente na saúde. Expansão para a cidade do Porto.

4. Apesar da juventude da Universidade, ela deve ser reconhecida pela qualidade da organização: é prioritário implementar um sistema de garantia da qualidade, alicerçado nos programas específicos de avaliação da rede Laureate, especialmente B-corp e LEAF, de que a Europeia já faz parte.

Mas existe uma primeira dimensão, base de todo o edifício organizativo: confiança. Confiança dos nossos estudantes na qualidade do ensino, da investigação e da organização. Confiança mútua, dos académicos, gestores, colaboradores e estudantes. Cimento invisível das organizações, gerar confiança é a primeira pedra em qualquer organização de qualidade.

A educação exige planeamento, paciência e dedicação.

Os resultados das políticas educativas demoram anos a manifestar-se. Exigem tempo e persistência. Melhorar a qualidade do ensino implica uma cultura de rigor, mérito e exigência.

A universidade é acima de tudo um local de aprendizagem - e é na aprendizagem dos seus estudantes que a

universidade deve estar centrada. Mais, a universidade é um local de aprendizagem permanente.

Não se trata apenas de aprender a responder a problemas: trata-se de aprender a pensar. Se só se pode aprender aquilo que pode ser ensinado, só deve ser ensinado o que mereça ser considerado objecto de saber.

Também por estes motivos, a avaliação dos estudantes deve ser encarada como instrumental e algo a adaptar à natureza dos estudos e das áreas científicas.

Finalmente, as investigações sociológicas continuam a evidenciar que os graduados obtêm melhores empregos e que, hoje em dia, as empresas cada vez mais pedem estudantes com o mestrado e outros estudos pós-graduados.

Esta é a mensagem essencial que as universidades devem enviar aos estudantes e às suas famílias: vale sempre a pena estudar.

5. Temos que dar um novo impulso à investigação científica. Os seus novos critérios são cada vez mais alicerçados na investigação partilhada e no diálogo entre as

disciplinas, se não mesmo na abertura a novos ramos do saber, nascidos, não apenas da curiosidade intelectual, mas, sobretudo, da crescente especialização do conhecimento científico.

A criação de unidades de investigação dedicadas ao estudo aprofundado do direito e da gestão, de um lado, e do turismo e da gestão hoteleira, de outro, para completar o núcleo já formado com a UNIDCOM, será uma prioridade, para reforçar o conhecimento científico que serve de base aos programas doutorais e de mestrado oferecidos pela universidade.

Qualificar os recursos humanos e acompanhar e aprofundar as tecnologias avançadas constituem preocupações da ciência.

Se reconhecemos as profundas dinâmicas sociais e culturais, também verificamos que a investigação científica não deve perder o contacto com a realidade. O foco da investigação nesta Universidade não pode desligar-se das empresas e da realidade empresarial.

Ainda neste plano, a universidade deve ser conhecida pelas suas publicações, não apenas científicas, mas também pedagógicas e de grande divulgação.

O saber tem que ser colocado ao serviço da comunidade. As novas exigências da política de ciência aberta são uma oportunidade única para a projecção da cultura científica nacional no mundo, também beneficiando do acesso livre ao conhecimento produzido noutras partes do globo. Os conceitos de sociedade do conhecimento e de sociedade em rede exprimem de modo feliz uma situação para a qual as universidades se devem preparar.

6. Sabemos, sem dúvida, que vivemos no meio de uma revolução tecnológica.

E que também vivenciamos outra revolução, esta cultural: uma revolução que está a abalar as instituições, as famílias, as forças armadas, as escolas.

Todas as instituições formadoras do carácter e dos valores vivem hoje perante novos desafios, perplexas perante a rapidez das mudanças, tanto tecnológicas como sociais e culturais.

Assim, o pensamento crítico é indispensável, como o é a capacidade para resolver problemas. O ensino, portanto, deve dotar os estudantes da capacidade para decidir problemas: mas deve, também, prepará-los para resolver os

problemas do futuro, e isso apenas será viável se a universidade ensinar a saber pensar, a saber aprender e a saber estar. Sob pena de, quando os estudantes souberem resolver todos os problemas actuais, a sociedade enfrentar novos e distintos problemas para os quais não está preparada.

Certamente que um dos mais cruéis desafios que os homens podem enfrentar é o de serem considerados obsoletos, porque não são capazes de manusear as ferramentas das profissões.

A expressão «educação ao longo da vida» designa, com propriedade, que os profissionais de hoje têm que estar actualizados e que, de modo simétrico, as universidades devem proporcionar oportunidades de actualização e de formação contínua.

Esta é, portanto, uma nova e importante missão da universidade: não apenas o ensino graduado, mas o acompanhamento dos seus estudantes, o permanente cuidado e disponibilidade para ajudar a superar transformações económicas e sociais.

A aposta no digital e na formação a distância não são meras possibilidades, constituem hoje dimensões essenciais dos

estabelecimentos de ensino. Isso exige mais formação para os professores, investimento em saber fazer e tecnologia, com a certeza de rápido retorno dos investimentos feitos.

Finalmente, a responsabilidade social constitui um outro pilar da Universidade Europeia.

Incutir nos jovens a ideia de dever – dos deveres de cuidado e protecção dos mais vulneráveis ao dever de preservação da natureza e do património – é também tarefa da universidade. Não se ambiciona salvar o mundo, mas criar a noção de responsabilidade perante o próximo – a responsabilidade pelo futuro é, lembrou Hans Jonas, o arquétipo dos deveres morais.

7. Hoje, vivemos em todas as sociedades – do Pacífico ao Índico, passando, claro, pela nossa Europa – perante esta tremenda angústia: que sociedade queremos e qual a nossa responsabilidade como educadores na construção desse futuro.

Sabemos que os tempos que se anunciam são complexos e difíceis. O Inverno demográfico ameaça a sustentabilidade de universidades e outras instituições de ensino.

Cultivar uma saudável relação entre universidades tem que ser uma preocupação dos reitores e dirigentes.

Lembro que a nossa Constituição e o direito internacional elencaram em primeiro lugar, entre os direitos fundamentais e humanos no domínio da educação, as liberdades de aprender e de ensinar.

Foi o país democrático que tornou possível um novo sistema de ensino superior, não unicamente público, mas igualmente assente na iniciativa privada.

O compromisso fundamental da Universidade Europeia é fácil de formular, também neste plano: um ensino superior de qualidade e economicamente acessível às classes médias.

A instrução, sabemo-lo bem, constitui um pilar na construção de uma sociedade democrática. A expressão capital humano captura esta ideia: uma sociedade de pessoas iguais nas oportunidades e na liberdade de construírem o seu destino.

Diversos estudos publicados recentemente dão conta de que Portugal continua uma sociedade desigual e que, hoje, um dos principais factos potenciadores das desigualdades é o acesso *ao* e o sucesso *no* ensino superior.

A liberdade para escolher é portanto a faculdade de poder escolher para ser livre – no plano económico, social e cultural. E esta liberdade, para ser verdadeira, implica acesso ao ensino superior.

Assim, as universidades privadas não são apenas instituições relevantes no plano do ensino; também realizam uma tarefa política essencial na democratização da sociedade, ao potenciarem o acesso ao ensino superior e a empregos qualificados a novas gerações de estudantes. Só os inimigos da sociedade aberta e da democracia negam a liberdade de escolha e a construção de uma sociedade de oportunidades para todos.

Concluo com uma metáfora, adequada ao maravilhoso espaço em que estamos.

Durante mais de duzentos anos o Palácio Nacional da Ajuda permaneceu inacabado, monumento nacional, sim, mas também monumento da incúria e do desleixo. Hoje está em obras e será em breve terminado, reinventando na arquitectura e na engenharia a obra histórica anterior: o voto é o de que cada geração seja capaz de concluir o que as outras iniciaram e de lançar as sementes para que as

próximas gerações sejam também elas capazes de construir o seu futuro a partir de alicerces sólidos.

É este, afinal de contas, o espírito da universidade.